A CONTRIBUIÇÃO MARXIANA E MARXISTA SOBRE A EXPLORAÇÃO DA NATUREZA NO CAPITALISMO: apontamentos introdutórios

Liliana Sampaio Mendes[1]
Luzia Heryka Furtado[2]
Mariana Cavalcanti Braz Berger[3]

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a contribuição da teoria social crítica, a partir de Karl Marx e Friedrich Engels, sobre a exploração da natureza no capitalismo. Problematizamos as críticas contra Marx de uma ausência do debate ecológico em sua obra e identificamos a atualidade desses pensadores no século XXI. Em uma pesquisa bibliográfica buscamos elementos teóricos em textos desses autores. Apontamos que o modo de produção capitalista é autodestrutivo e a emergência dessa questão na conjuntura atual diante do acirramento da crise ecológica.

Palavras-chave: Natureza; Capitalismo; Marxismo.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the contribution of critical social theory, proposed by Karl Marx and Friedrich Engels, about the exploitation of nature in capitalism. We problematize the criticisms against Marx of an absence of ecological debate in his work and identify the relevance of these thinkers in the 21st century. In a bibliographical research, we look for theoretical elements in texts written by these authors. We point out that the capitalist mode of production is self-destructive and the emergence of this issue in the current situation in the face of the worsening ecological crisis.

Keywords: Nature; Capitalism; Marxism.

[1] Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: liliana.sm@discente.ufma.br
[2] Graduanda em Serviço Social na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: luzia.hf@discente.ufma.br
[3] Docente do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Políticas Públicas. E-mail: mariana.braz@ufma.br

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo consiste em analisar a contribuição de Marx e Engels sobre a exploração da natureza no sistema capitalista, de modo a problematizar as críticas contra Marx de uma ausência do debate ecológico em sua obra e identificar a atualidade desses pensadores no século XXI. Para tanto, fontes primárias foram exploradas, tais como: Manuscritos econômico-filosóficos (MARX, 2010); A Ideologia Alemã (MARX; ENGELS, 2007); O papel do trabalho na transformação do macaco em homem (ENGELS, 2004).

Embora uma das críticas dirigida à Marx seja a ausência do debate ecológico em seus escritos, compreendemos que essa crítica provém de um conhecimento equivocado sobre a obra do autor, uma vez que identificamos nos textos referenciados um conteúdo referente a problematização da exploração da natureza a partir do desvelamento do modo de produção capitalista, da historicidade do ser social e a sua natureza enquanto corpo orgânico e inorgânico.

Desse modo, buscamos analisar a relevância da teoria social crítica para a compreensão do debate ecológico no sistema capitalista. Pois, ao enveredarmos por essa teoria entendemos uma sociedade complexa, antagônica, contraditória, exploratória e propensa a crises, tal entendimento aliado a categorias como alienação, corpo orgânico e inorgânico, metabolismo e trabalho, alicerçam um forte arcabouço teórico que aponta para questões importantes no que se refere ao debate ecológico.

As transformações advindas do sistema capitalista reverberam não apenas em consequências pertinentes à questão social como, também, no âmbito ecológico, acirrando a crise ecológica. A exploração desenfreada dos recursos naturais revela o caráter destrutivo e predatório deste modo de produção, o que já era observado por Marx, uma vez que analisa a lógica capitalista dominada pelo lucro e as suas consequências diante dos processos exploratórios.

O percurso teórico desse artigo, uma vez que envereda por fontes bibliográficas, identifica "pistas" do debate ecológico na teoria social crítica e aponta elementos importantes que determinam a crise ecológica e o seu acirramento proveniente do modo de produção capitalista, o que evidencia a emergência desse estudo.

2. A CONTRIBUIÇÃO MARXIANA E MARXISTA PARA O DEBATE ECOLÓGICO

No capitalismo, a existência de duas classes fundamentais e antagônicas: a burguesia e o proletariado, revela a contradição do sistema, tendo em vista que a relação socioeconômica entre a classe detentora dos meios de produção (burguesia) e a classe trabalhadora (proletariado), resulta no antagonismo que se faz presente no processo de formação sócio histórica da sociedade. Segundo Engels (2004, p.14), "Com o atual modo de produção, e no que se refere tanto às consequências naturais como às consequências sociais dos atos realizados pelos homens, o que interessa prioritariamente são apenas os primeiros resultados, os mais palpáveis".

Nessa relação, os burgueses objetivam contratar a força de trabalho do operariado em troca de salário, como meio de sobrevivência. A contratação da força de trabalho no sistema capitalista resulta na obtenção de mais valia dos trabalhadores, posto que regida por uma relação de exploração, daí que

> O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (MARX, 2010, p.148).

A afirmação de que o trabalho é gerador de toda a riqueza, já tinha sido apresentada pelos economistas, esclareceu Engels (2004). No entanto, contribui com a compreensão de que é, o trabalho, "ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza" (ENGELS, 2004, p.1).

No modo de produção capitalista a mercadoria, condição do trabalho humano, sujeita seus produtores, logo, as relações sociais se transformam entre coisas, o conjunto das relações humanas aparece aos sujeitos como algo externo, que os constrange e domina. Engels (2004, p.14) afirma que

> Quando um industrial ou comerciante vende a mercadoria produzida ou comprada por ele e obtém o lucro habitual, dá-se por satisfeito e não lhe interessa de maneira alguma o que possa ocorrer depois com essa mercadoria e seu comprador. O mesmo se verifica com as consequências naturais dessas mesmas ações.

Observa-se que essa condição do capitalismo é a tendência do desenvolvimento dessa sociedade, utiliza-se da intensificação do trabalho como atividade principal e condicionalmente humana, com os homens em relação com a natureza, pois nessa sociedade os indivíduos são meros instrumentos, que objetiva a realização de um fim pensado, ou seja, a ampliação do capital.

As consequências desse sistema resultam no dualismo entre classes e refletem no esgotamento dos recursos naturais. Contudo, na contramão desse pensamento, Marx, com o estilo que o caracteriza e marca a teoria social crítica do século XIX, compreendeu que não há somente um agente ou um modo de vida a ser considerado na biodiversidade na qual o ser humano se insere. Como exemplo, cita Marx que um ecossistema de rio, mergulhado nas águas que o permeia, contém por si só um conjunto de seres vivos, que teria sua dinâmica alterada quando coabitada com uma indústria que ali realiza suas atividades (MÉSZÁROS, 2002).

Vê-se, portanto, que a sociedade submeteu os seus valores morais e éticos à parte do tradicionalismo do sistema financeiro. Isso indica que o capitalismo atrela-se às instituições sociais, bem como à coletividade que suprime as necessidades humanas básicas em nome de uma produção massiva de produtos, encobrindo seus objetivos através da alienação da classe trabalhadora.

A contradição entre a classe dominante e a classe dominada, expõe sua face na medida em que o trabalhador se submete ao mecanismo do sistema capitalista, enquanto modo de produção que se apropria dos meios de produção.

O processo de industrialização responsável pelo avanço tecnológico do século XXI, inseriu no plano internacional, em virtude de seus impactos destrutivos aos ecossistemas, a necessidade de resgatar um leque de debates à interpretação dos fenômenos sociais que permeiam as matrizes teóricas e políticas que protagonizam o ambiente de transformações sociais, e como essas mudanças interferem na relação homem-natureza (SILVA, 2008, p. 51).

Ressalta-se, todavia, que um elemento comum às argumentações levantadas no debate ecológico, tem focalizado a atividade humana como a origem da degradação ambiental, e o alvo central sobre a qual devem recair as atenções que geram as mudanças ecológicas. No entanto, embasados na perspectiva da teoria social crítica compreendemos que o debate ecológico compõe-se de diversos elementos que são consequência do sistema de produção, e que refletem seus impactos na finitude de recursos naturais (SILVA, 2008, p. 52).

A visão de que o mercado teria horizontes ilimitados esbarra na conjuntura atual nas condições reais advindas de sua prática de extração massiva dos bens tanto naturais, quanto sociais.

A acumulação primitiva do capital corrobora a expropriação da terra e uso irracional da natureza, a partir disso a questão ecológica é colocada em cena diante das contradições inerentes à sociedade. Reconhecemos que essa pauta tem sido destacada,

visto que presencia-se o acirramento da crise ecológica. Dessa maneira, muitos países capitalistas buscam discutir assuntos relacionados ao meio ambiente com objetivo de desenvolver saídas para unir o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental, no entanto, sem perder lucros, ou seja, sem promover transformações na produção e acumulação da riqueza concentrada em uma minoria.

Marx e Engels abordaram temáticas decisórias para debates relativos à natureza, mesmo não sendo de forma direta, mas, estritamente ligado à produção capitalista. Nos estudos desses autores, consta que o modo de produção capitalista com o objetivo de lucros, realiza uma dupla exploração, nas quais cita a força do trabalhador e da natureza.

Destacamos que já havia uma compreensão a respeito da finitude dos recursos naturais. Em contrapartida, a partir dos estudos marx-engelsianos, torna-se impossível as grandes indústrias e a agricultura no capitalismo atreladas à natureza, à condição de matéria-prima para efetuar o valor de troca, seja direcionada à ideia de sustentabilidade. Nesse sentido, portanto, é necessário a superação da dominação capitalista para que os trabalhadores dominem a produção social e agrícola e assim alcancem uma agricultura sustentável. Conforme Engels (2004, p. 14),

> Todas as formas mais elevadas de produção que vieram depois conduziram à divisão da população em classes diferentes e, portanto, no antagonismo entre as classes dominantes e as classes oprimidas. Em consequência, os interesses das classes dominantes converteram-se no elemento propulsor da produção, enquanto esta não se limitava a manter, bem ou mal, a mísera existência dos oprimidos. Isso encontra sua expressão mais acabada no modo de produção capitalista, que prevalece hoje na Europa ocidental.

Discussões presentes no debate atual em torno da degradação dos ecossistemas, por exemplo, foram sinalizadas por Marx e Engels no século XIX a partir do estudo da sociedade burguesa. Visto que o entendimento de alienação do trabalho está em conexão à alienação do ser humano e ao da natureza. Com a contribuição teórica desses autores temos material reflexivo para se contrapor de forma crítica a ideologias que reduzem o debate sobre o meio ambiente a uma visão simplista da natureza, colocando

a responsabilidade sobre a crise ecológica nos indivíduos ao invés de atingir o cerne do debate ecológico quanto à exploração capitalista.

Outrossim, cabe pontuar, o que denominou Marx de metabolismo social, a presença de um metabolismo entre o homem e a natureza. Dessa forma, com o avanço do capitalismo esse metabolismo se rompe, em decorrência do processo de acumulação primitiva, que significou a separação dos meios de quem produzia e a propriedade privada, em um desenvolvimento de expropriação camponesa em consequência a mudança destes trabalhadores em simples assalariados e assim se concretizando a separação do trabalhador da terra e também da natureza (RODRIGUES, 2012). A respeito, esclarece que

> Os conceitos marxianos de "metabolismo universal da natureza", o "metabolismo social" e a falha metabólica se provaram inestimáveis para modelar a complexa relação entre sistemas sócioprodutivos, particularmente o capitalismo, e os sistemas ecológicos maiores nos quais estão inseridos. Esta abordagem da relação humana-social com a natureza, profundamente entrelaçada com a crítica, por Marx, da sociedade capitalista de classes, proporciona ao materialismo histórico uma perspectiva única sobre a crise ecológica contemporânea e o desafio da transição (FOSTER, 2015, p. 84).

Marx em seus estudos baseados nas inovações nas ciências naturais, constitui o conceito de metabolismo social com o objetivo de maior compreensão da ação humana. Naquele momento traçou uma análise histórica do homem com a natureza no sentido de que o homem faz parte desta natureza. Contudo, sobre a concepção de história, afirmam que

> Toda concepção histórica existente até então ou tem deixado completamente desconsiderada essa base real da história, ou a tem considerado apenas como algo acessório, fora de toda e qualquer conexão com o fluxo histórico. [...] Com isso, a relação dos homens com a natureza é excluída da história, o que engendra a oposição entre natureza e história (MARX; ENGELS, 2007, p. 44).

Nesse contexto, a presença do marxismo no debate ecológico parece um passo prioritário para compreensão da dinâmica contraditória e destrutiva inerente ao modo de produção capitalista que, para acumular riquezas, explora e destrói suas duas principais fontes: a natureza e o trabalhador.

3. CAPITALISMO: RELAÇÃO EXPLORATÓRIA HOMEM/NATUREZA

A relação homem/natureza corrompida no capital, posto que compreende a natureza apenas como mercadoria, reduzida a sua disponibilidade de recursos a serem explorados e convertidos em lucro. Assim, o capital estranha, ao seu favor, os homens entre si, enquanto seres sociais; o homem e seu trabalho, exteriorizando-os; o homem e a natureza, afastando-os e diferenciando-os (MARX, 2010).

Destacamos o lugar que o trabalho exteriorizado ocupa enquanto mecanismo que possibilita a alienação do ser genérico e corpo inorgânico, ou seja, o afastamento do homem para com a sua essência natural, e cumpre ao propósito não apenas de explorar fisicamente a mão de obra do trabalhador, como também, e, principalmente, de esvaziar o seu potencial transformador da realidade e de sua consciência. Segundo Marx (2010, p. 84):

> Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o gênero [humano]. Faz-lhe da vida genérica apenas um meio da vida individual.

Enfatizamos que a dinâmica capitalista alterou a teia das relações sociais e, também, o relacionamento homem/natureza, pois os valores, como: individualismo, lucro, propriedade privada, entre outros, que a ideologia

hegemônica reverbera vão na contramão da preservação da vida. O capitalismo promove o desmantelo do vínculo orgânico entre trabalho-natureza.

Marx e Engels (2007) compreendem que o modo com o sistema capitalista reduz essa relação a mera satisfação de necessidades básicas, como alimentação, vestuário, reprodução, etc., cumpre a função de estranhar o homem de sua vida genérica, anulando-o e esvaziando-o enquanto sujeito, ao passo que mercadoriza a força de trabalho e a exploração de matéria prima. De acordo com Marx (2010, p. 24),

> A existência do trabalhador é, portanto, reduzida à condição de existência de qualquer outra mercadoria. O trabalhador tornou-se uma mercadoria e é uma sorte para ele conseguir chegar ao homem que se interesse por ele. E a procura, da qual a vida do trabalhador depende, depende do capricho do rico capitalista.

Não obstante, destacamos que a ruptura metabólica, conforme elucida Marx, decorre do acirramento da dinâmica do capital que antagoniza campo/cidade, homem/natureza, e, portanto, corrobora para o interesse capitalista de subjugar tanto a classe trabalhadora, quanto os recursos naturais, explorando-os desenfreadamente com o único objetivo de gerar lucro sob o engodo de “alcançar o progresso”. O próprio antagonismo criado entre campo/cidade provém de uma maior valorização em cima da vida urbana em cidades capitalistas e seus desdobramentos a partir do crescimento do capital, em detrimento da condição vivenciada em cidades interioranas que, em parte, são menos impactadas por avanços da iniciativa capitalista.

O conceito de ruptura metabólica presente na análise marxiana é fundamental para compreender as determinações impostas pelo capital na dinâmica homem/natureza, pois evidencia a ruptura nessa dualidade e ilumina a relação entre questão social e questão ecológica. A metáfora utilizada por Marx e Engels (2007, p. 47) sobre a essência dos peixes é esclarecedora para compreendermos quanto mais a indústria avança e ocupa um terreno (solo) mais consequências destrutivas para a natureza:

> A “essência” do peixe é o seu “ser”, a água - para tomar apenas uma de suas proposições. A “essência” do peixe de rio é a água de um rio. Mas esta última

> deixa de ser a "essência" do peixe quando deixa de ser um meio de existência adequado ao peixe, tão logo o rio seja usado para servir à indústria, tão logo seja poluído por corantes e outros detritos e seja navegado por navios a vapor, ou tão logo suas águas sejam desviadas para canais onde simples drenagens podem privar o peixe de seu meio de existência.

A ideia que vincula o progresso ao avanço do capital por meio da intensificação predatória desse modo de produção cumpre ao propósito de legitimar a exploração que alicerça sua dinâmica. Desse modo, também influencia a relação homem/natureza, pois essa relação inserida no capitalismo adquire contornos diferentes: a natureza é esquecida cada vez mais, deixa de ser apreendida como organismo vivo e se reduz a mercadoria explorada para gerar dinheiro, a historicidade da dualidade homem/natureza é perdida frente aos valores impostos pela ideologia dominante que reforça o homem individualista.

Assim, o êxito passa a ser atrelado a algo cada vez mais "moderno" ao passo que a própria modernidade permeada por uma ideia positiva é apreendida enquanto contrária ao que é arcaico, antigo, ultrapassado e, que, portanto, não serve mais. O antigo homem que se realizava em sua vida genérica é anulado pelo capital, que o enxerga apenas como força de trabalho a ser comprada, ao passo que a terra a qual reverberava a pluralidade da vida, também é transformada em "[...] atributo do possuidor fundiário" (MARX, 2010, p. 64)

Sendo assim, a ordem do capital corrompe a relação homem/natureza, pois determina-a de acordo com seus interesses, usando de mecanismos da alienação para segmentar essa relação. Com base em Marx (2010, p. 84):

> A vida genérica, tanto no homem quanto no animal, consiste fisicamente, em primeiro lugar, nisto: que o homem (tal qual o animal) vive da natureza inorgânica, e quanto mais universal o homem [é] do que o animal, tanto mais universal é o domínio da natureza inorgânica da qual ele vive. [...]. Fisicamente o homem vive somente destes produtos da natureza, possam eles aparecer na forma de alimento, aquecimento, vestuário, habitação, etc. Praticamente, a universalidade do homem aparece precisamente na universalidade que faz da natureza inteira o seu corpo inorgânico, tanto na medida em ela é 1) um meio de vida imediato quanto na medida em que ela é o objeto/matéria e o instrumento de sua atividade vital. A natureza é o corpo inorgânico do homem, a saber, natureza enquanto ela mesma não é corpo humano. O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a

> vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é parte da natureza.

Interromper essa interconexão assinalada por Marx (2010) é uma das estratégias do capital para fragilizar a classe trabalhadora, pois um indivíduo que não tem pertencimento com sua natureza e com as relação sociais, não se sente realizado ou identificado com o meio em que se insere, com aquilo que produz e com quem se relaciona e, assim, se converte em mais uma peça no jogo comandado pelo capital.

Diante do exposto, compreende-se que a propriedade privada reflete intrinsecamente a reprodução descontrolada do capital, a saber, este processo se concretiza mediante a exploração do homem/natureza. Portanto, faz-se necessário transformações do atual modo de produção capitalista para um outro padrão de sociabilidade e produção.

4. CONCLUSÃO

O estudo realizado neste artigo elucidou a transversalidade do debate ecológico nos escritos de Marx e Engels, identificando que de alguma forma essa temática figurou em seus estudos, a partir da compreensão da formação capitalista até os aspectos decorrentes de sua consolidação enquanto modo de produção destrutivo. Compreendemos, a partir da análise da conexão que há entre a teoria social crítica e a questão ecológica, que capitalismo e crise ecológica são pautas indissociáveis, uma vez que é no âmago da dinâmica desse sistema que se gesta a depredação da natureza e da vida no planeta Terra.

Surge, em meio a uma contradição interna de um sistema de produção e controle, um mecanismo que promove o aumento das expectativas, mesmo na iminência de completo colapso de sua capacidade em satisfazê-las. E é justamente

nestes momentos de colapso que soluções e substitutivos são postos à prova, no intento de exibir certo interesse humanitário (MÉSZÁROS, 2002).

Assim sendo, a influência que o capital exerce sobre a relação homem/natureza cumpre papel primordial para o arranjo de crise ecológica que constatamos na atualidade, crise que é mascarada pela propaganda capitalista da tentativa de um falacioso desenvolvimento sustentável. Ademais, as contribuições de Marx e Engels são de suma importância para desmistificar os interesses capitalistas que se encontram escamoteados em discursos reproduzidos e internalizados, que não propõem uma reflexão mais ampla acerca do funcionamento de um sistema que explora desenfreadamente homens, animais e natureza.

Destacamos, ainda, a emergência dessa questão na conjuntura atual diante do acirramento da crise ecológica que traz à tona a insustentabilidade desse modo de produção, pois nos propõe questionar a efetividade do progresso prometido, assim como escancara as consequências provenientes da destruição da vida.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** Marxists Internet Archive, 2004.

FOSTER, John Bellamy. **Marxismo e Ecologia: fontes comuns de uma Grande Transição.** São Paulo: vol. 19, n.35, p.80-97, jul./dez. 2015.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich**. A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: Rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Boitempo, 2002.

RODRIGUES, Mônica A. Grossi. Metabolismo Social do Capital, Novas Tecnologias e os Desafios Políticos aos Trabalhadores: Notas ao Debate. Brasília: **Temporalis**, 2012.

SILVA, Maria das Graças. Capitalismo contemporâneo e "questão ambiental": o Desenvolvimento Sustentável e a ação do Serviço Social. **Tese (Doutorado)** – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.